

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2007 - ANO XI - Nº 128

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Cada vez mais a classe política cai no descrédito. O cidadão comum, atento à crise sem fim e sem precedentes que se abateu sobre o parlamento brasileiro, vê seus sonhos de um país menos desigual ficar ainda mais distante. O mau uso de verbas, os desvios de recursos públicos, o superfaturamento de obras e as licitações irregulares concorrem para que haja menos investimentos em obras vitais para a população.

Através dos meios de comunicação, o cidadão tem acompanhado o desenrolar de sucessivos escândalos políticos envolvendo representantes do Congresso. O que agride a opinião pública é o cinismo e a desfaçatez de alguns parlamentares que, perante a opinião pública, tentam justificar o injustificável. Assistindo pela TV à propaganda partidária, observamos que todos se apresentam como arautos da moral e da ética, tentando, com discursos ensaiados, ganhar o eleitor para suas hostes. Constata-se, porém, no dia-a-dia, após as eleições, que, ocupando cargos eletivos, esses mesmos políticos dão as costas para o eleitor e passam a legislar, na grande maioria, em causa própria. Todo o discurso de propaganda fica apenas no discurso. Não há a menor preocupação com o cumprimento do pactuado com o eleitor. E ainda pior: quando denunciados por envolvimento em falcaturas, desvios de verbas, compra de votos, nepotismo e outras práticas ilícitas, forjam documentos e, num jogo de empurra, acusações e desmentidos, transparecem para a população claro corporativismo na classe política. Assim, mostram que não querem ou não se pode apurar nada. Acreditam estar acima da lei.

A sociedade está cansada e espera que haja maior fiscalização e controle da corrupção e dos desmandos. O dinheiro público desviado em obras superfaturadas e a sonegação de impostos fazem falta para obras de infraestrutura, saúde e educação, agravando as desigualdades sociais. O que se espera de nossos representantes, em todas as esferas do poder, é postura ética e moral e o cumprimento da Lei. E, do eleitor, que fique atento ao trabalho parlamentar, acompanhando e cobrando eficiência e transparência.



Foram iniciados os trabalhos de plantio de aproximadamente 29 mil mudas em áreas de mata ciliar do Ribeirão Limeira. A Fundação Christiano Rosa inicia, assim, a implantação de um inédito corredor ecológico na região, ligando a Serra da Mantiqueira ao Rio Paraíba do Sul.

Fundação inicia projeto de Corredor Ecológico

O número é substancial: mais de 29 mil mudas de diferentes espécies da Mata Atlântica serão plantadas pela Fundação Christiano Rosa nas proximidades das nascentes do ribeirão Limeira, quando iniciar, neste ano, o período das chuvas. Com esse plantio, a primeira etapa do corredor ecológico ligando a Mantiqueira ao Paraíba do Sul estará concluída.

O Limeira nasce em terras da IMBEL/FPV e tem sua foz no Paraíba, no campus da Escola de Engenharia de Lorena. No último mês de agosto, esse projeto de corredor teve início com o cercamento de uma área de aproximadamente 14 hectares e a preparação do terreno a ser plantado. Para a execução desse trabalho, foram gerados 15 postos de trabalho e a segunda fase, a ser iniciada em breve, proporcionará novas oportunidades de emprego.

Recentemente, a Fundação Christiano Rosa concluiu, no bairro da Tabuleta, um projeto demonstrativo de revegetação, quando plantou 2,5 mil mudas de espécies nativas de Mata Atlântica. Paralelamente, mantém um viveiro de mudas com mais de 70 espécies da região para serem utilizadas nos projetos. Com esse trabalho adquiriu conhecimento, que está sendo aplicado na bacia do ribeirão Limeira. A Fundação, desde sua instalação, há dez anos, vem trabalhando com ações voltadas para a preservação ambiental e a conscientização cidadã. Sua Comissão de Meio Ambiente buscou trazer para Piquete renomados especialistas

para realização de expedições científicas e visitas técnicas, as quais resultaram em trabalhos que ofereceram subsídios sistemáticos para a compreensão e contextualização da área a ser implantado o projeto de corredor ecológico. Entre eles podemos citar alguns nomes: Dra. Janice Wiles, da Universidade de Washington, Dr. Sérgio Leitão, Dr. João Paulo Capobianco, Dra. Ana Valéria Araújo, Dr. Fábio Olmos, Dr. Herculano Alvarenga, Dr. Dalton Morrison, MsC. Sílvia Jordão, MsC. Diana Damasceno. Ações e projetos executados com recursos próprios e em parcerias com o governo do estado de São Paulo e com empresas privadas e a própria comunidade, permitiram formar massa crítica e ambiente favorável à implantação do projeto.

Em função das dificuldades de disponibilização de recursos financeiros para a implantação do corredor como um todo, optou-se, metodologicamente, por ações estruturadoras que permitem sua implantação por etapas e segmentos. Assim, a Fundação Christiano Rosa está, paralelamente, submetendo a continuidade do projeto a diversos órgãos financiadores, com o objetivo de alcançar a meta da revegetação de 100 hectares de mata ciliar. Atividades associadas estão voltadas à mobilização e sensibilização da comunidade para questões de recuperação de áreas degradadas. Piquete, por meio da Fundação Christiano Rosa, é pioneira na implantação de corredor ecológico na região.

Imagem - Memória

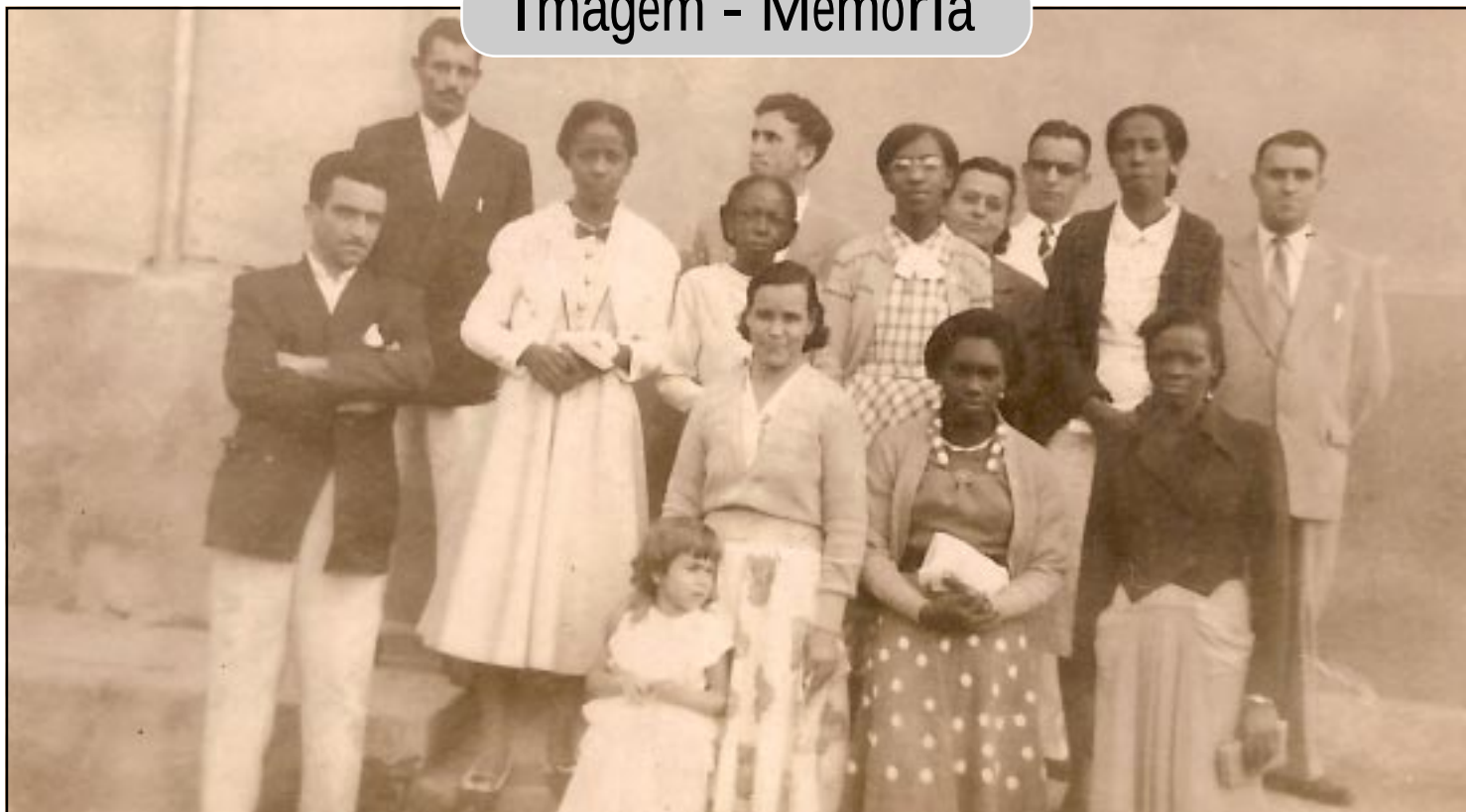


Foto arquivo Pro-Memória

Coral Santa Cecília numa festa de São Miguel Arcanjo, no início da década de 50. Ao fundo, João Heleodoro, Arthur Alves, Luiz Vieira Soares e José Nascimento. Na segunda fila, Laura Silva, Nair Porfírio, Angelina César, Maria de Lourdes Ferreira, Maria Antônia. Em primeiro plano: Carlos V. Soares, Zezé Soares, Maria Rosa e Celina de Barros. A criança é Marilda de Abreu.

O Coral Santa Cecília

A vocação para a música e para o canto, bem como para outras formas de manifestação do sentimento e da inteligência, faz parte da vida dos piquetenses desde os primórdios do município.

Na Antiga Matriz de São Miguel, desde a criação da Paróquia, pessoas dotadas de sensibilidade musical buscavam se agrupar participando do coro da igreja, sempre dispostas a contribuir com suas afinadas vozes para o brilho dos atos litúrgicos.

A emancipação político-administrativa, de Piquete foi marcada, entre outras cerimônias, por uma missa solene, no dia 15 de julho de 1891. Celebrada pelo Monsenhor Castro, de Silveiras/SP, e abrilhantada por um coro de vozes femininas. Dele fizeram parte Maria de Castro, as irmãs Francisca, Ricardina e Minervina Bittencourt, Mariana da Silva... Ao órgão, dona Maria Eufrásia Couto, filha do coronel José Mariano Ribeiro da Silva, um dos responsáveis pela emancipação do município e um dos construtores da matriz de São Miguel. A regência esteve a cargo do Sr. Francisco Máximo Ferreira, que selecionava novas vozes, ensinava teoria musical e escolhia o repertório a ser cantado.

Em 1910, o coronel José Mariano trouxe de Guaratinguetá o maestro Bonfiglio de Oliveira, para ensinar música a jovens da paróquia. As aulas aconteciam duas vezes por semana, à noite, na igreja matriz, e muitos desses aprendizes passaram a fazer parte da Euterpe Piquetense e do Coro da igreja.

Ao longo dos anos, o coro sempre

contou com seletos grupo de cantores. Dele fizeram parte, entre outras, as afinadíssimas irmãs Ester e Almira Galvão, Iracema e Olga Cunha, além de Maria de Lourdes Ferreira, Carmélia Fleming Bittencourt e Lili Couto. Por mais de quarenta anos o coro da matriz de São Miguel esteve sob a regência do Sr. Chiquinho Máximo. Devido à idade avançada, regente e organista deixaram a direção do coro.

No início dos anos 40, percebendo a necessidade de um substituto para Dona Maria Eufrásia, o jovem Carlos Vieira Soares assumiu o harmônio. Seus irmãos João e Luiz Vieira Soares, que receberam os primeiros ensinamentos de regência do Sr. Chiquinho Máximo, assumiram o coro da Matriz. Congregados Marianos a eles se uniram, cheios de entusiasmo: Paulo Lódi, Manuel de Souza, José Nascimento de Oliveira, Joaquim Augusto, Aureliano de Oliveira, José Eleodoro, Benedito Leitão... Com o passar do tempo, houve a inclusão de moças e senhoras das irmandades religiosas.

No dia 29 de setembro de 1941, festa do padroeiro São Miguel, o coral cantou sua primeira missa solene, considerada esta data como marco de sua fundação, com o nome de "Coral Santa Cecília".

Adotando uma linha mais clássica na apresentação do canto sacro, sobretudo anteriormente ao Concílio Vaticano II, quando todas as cerimônias religiosas eram realizadas em latim, o Coral Santa Cecília aprimorou-se nos cânticos nessa língua. Executava peças musicais em várias vozes

masculinas e femininas (tenor, baixo, soprano e contralto), com a apresentação de missas de consagrados autores (Perosi, Franceschini, Rheinberger, Jasper, Faure, Constagnagna e outros), além da "Semana Santa" de J.B. Lehmann, Missa de Angelis em estilo gregoriano, ladainhas, Ave-Marias, etc.

Ainda hoje, vez ou outra, em grandes acontecimentos religiosos continua apresentando uma dessas peças musicais em latim, as quais exprimem grande solenidade e dão maior realce às cerimônias litúrgicas.

Atualmente, sob a presidência de Antônio Hildo, tendo como regente o maestro Joair da Silva e José de Rosa de Lima ao harmônio, o Coral Santa Cecília conta com 20 membros. Há mais de 60 anos é o responsável por proporcionar aos paroquianos fruição estética e interiorização espiritual.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Darcy Amorim

Algumas pessoas, durante toda a vida, trabalham no silêncio em prol da comunidade. De maneira anônima contribuem para o seu aprimoramento, e quando partem, permanecem na memória dos que com elas tiveram o privilégio de conviver e a consideravam como exemplo de dedicação e amor ao próximo.

Darcy Amorim foi uma dessas pessoas. Cidadão pleno, exato cumpridor dos deveres, foi funcionário público exemplar, honrado e responsável, atributos raros nos dias de hoje.

Nascido aos 27 de abril de 1936, na cidade mineira de Passa Quatro, foi um dos seis filhos do casal Joaquim Amorim e Olympia Lemos Amorim. Seus primeiros estudos foram feitos na sua cidade natal. Por volta de 1960 mudou-se para Piquete, onde continuou os estudos e trabalhou como alfaiate com seu cunhado Antônio Ribeiro Mendes, que tinha um ateliê na Rua Major Carlos Ribeiro.

A convite de Mário Piquet, prestou concurso para a Prefeitura, sendo admitido em 22 de novembro de 1962 para trabalhar na função de almoxarife, durante a administração do prefeito Luís Vieira Soares. Paralelamente ao trabalho, cursou o colegial e a Escola Normal, formando-se professor normalista. Mais tarde bacharelou-se em Ciências Econômicas. Por curto período lecionou as disciplinas Organização e Técnica Comercial, Contabilidade Comercial, Finanças Públicas e Mercadológicas. Fez parte do Conselho Fiscal do Clube de Campo Quilombo e trabalhou também no Montanhês Clube de Piquete.

Nas áreas e instituições em que atuou, Darcy Amorim deixou sua marca de companheirismo e assiduidade. A firmeza nas atitudes e a constante exigência de,

A discrição, uma de suas principais características de Darcy Amorim, garantiu-lhe participar de diversas administrações, independentemente de correntes políticas.



em momento algum, violentar seus valores, caracterizaram Darcy Amorim. Ainda assim, jamais foi autoritário. Como resultado, recebeu, sempre, a admiração e o respeito de seus companheiros e subordinados.

Após trinta anos de trabalho, aposentou-se em 1990, sendo convidado a permanecer na Prefeitura como secretário de finanças. Quando da instituição da Fundação Christiano Rosa, em fevereiro de 1997, foi convidado a fazer parte do Conselho Fiscal, cuja incumbência exerceu com seriedade e competência. A discrição, uma de suas principais características, garantiu-lhe participar de diversas administrações, independentemente de correntes políticas. Mantendo sempre a imparcialidade, contribuiu com todos, pensando, sempre, no melhor para Piquete, que amava como se fosse sua terra natal.

Em janeiro de 1974, casou-se com Benedita Jofre de Souza. Viúvo, Darcy Amorim faleceu no último dia 29 de agosto, deixando uma filha, três enteados e seis netos.

A Fundação Christiano Rosa já o havia procurado para a coluna "Gente da Cidade". Seu Darcy declinou: "há muitos mais, com trabalhos mais significativos para nossa Piquete." Acatamos seu desejo. Porém, faz-se necessário o registro de um homem que, em silêncio, colaborou, com seu trabalho e comprometimento, para o sonho de uma Piquete melhor.

Notas da Cidade

✓ A professora Laura Cristina Peixoto Chaves, Mestre em Educação, colaboradora do "O ESTAFETA", lançou dois livros: "*Didática da Alfabetização: da teoria à prática*" e "*Educação de Qualidade: direito das crianças e das famílias*", este último em parceria com Cláudia de Fátima Ri. Basso. Os livros são resultados de pesquisas realizadas ao longo dos 20 anos de carreira profissional e estão sendo adotados em escolas por todo o Brasil. A FCR parabeniza as autoras e deseja-lhes sucesso! Para maiores detalhes, a autora pode ser contatada por meio do endereço eletrônico: lauratutoria@yahoo.com.br

✓ No último dia 14 de setembro, o Grupo de Jongo de Piquete, a convite do Governo Federal, esteve em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, para a inauguração da "Casa do Samba de Roda". Além do Jongo, houve apresentações de "Samba de Lenço", de São Paulo, "Tambor de Crioula", do Maranhão, e o "Samba de Partido Alto", do Rio de Janeiro. O Samba de Roda foi recentemente tombado como Patrimônio Imaterial, assim como o Jongo do Sudeste.

Estiveram presentes ao evento o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, e diversas autoridades, ocasião em que o professor Gilberto Augusto conversou com o Ministro e com o Presidente do IPHAN, pleiteando novos projetos para o Jongo.

A FCR, que sempre apoiou o Jongo de Piquete, alegra-se com sua divulgação pelo Brasil, proporcionando novas oportunidades aos jovens jongueiros.

✓ Em 1998, José Valério, o Sabará, criou a Escolinha de Futebol Pirralhos, voltada para o ensino de futebol a crianças e adolescentes. Além do ensino desse esporte, Sabará ministra-lhes lição de vida, cobrando aproveitamento escolar, religiosidade e, consequentemente, disciplina.

Os resultados são louváveis: retira crianças e jovens das ruas protegendo-as dos riscos das drogas, reforça-lhes a importância e os valores da família, bem como a confiança e a auto-estima.

No último dia 18 de setembro, pela manhã, no "Campinho do Salvador", lá estava Sabará com um grupo de crianças treinando quando chegou uma equipe de jornalistas e cinegrafistas da TV Canção Nova para documentar e mostrar esse exemplo de vida e trabalho voluntário para todo o Brasil. É um merecido reconhecimento.

Sabará está preparando o 8º Campeonato Interestadual de Futebol de Piquete, que acontecerá de 6 a 13 de janeiro de 2008. Aproximadamente 60 equipes de diversas cidades de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro já se inscreveram. Este ano, dois alunos da Escolinha de Futebol Pirralhos, um de 17 e outro de 18 anos, foram observados por "olheiros" e hoje estão jogando no exterior: um na Alemanha e outro em Portugal.



A Pedra do Piquete

Um comentário sobre a Pedra do Piquete, marco tradicional da história oral do município, situada à Rua do Piquete, nº 65

A “pedra do piquete de cavalaria”, assim conhecida pela “referência histórica” que lhe foi imposta por placa comemorativa do 67º aniversário da emancipação política do município, é um marco em nossa cidade.

Na placa lê-se a data 15 de junho entre 1891 e 1958. Em seguida, foi gravado **Comemoração do 67º aniversário de Piquete**. Abaixo, os seguintes dizeres: “Marco do local em que acampou o piquete de cavalaria comandado pelo Ten. Vicente Eufázio, enviado pelo Duque de Caxias durante a Revolução do 2º Império, fato que sugeriu o atual nome desse lugar, antes conhecido como Arraial de São Miguel”.

Pois bem, a placa de bronze fixada à Pedra, inaugurada, passou a referenciar o chamado “fato” histórico. Entretanto, a documentação disponível no Arquivo Estadual de São Paulo referente à Vila de Lorena, da qual o Bairro do Piquete era parte integrante entre os componentes da margem es-querda do Paraíba do Sul, apresenta-se indicada em 1828, relati-vamente à citada Vila, sob a administração do capitão-mor e respectivo corpo da Guarda Nacional.

Dessa forma, não é válida a data de 1842, da revolução citada, e relativamente ao acampamento de militares, como designativa da denominação da cidade de Piquete. Esta denominação já fora referida em documentos anteriores. Assim, acusa documentação do início do século XIX, como a que se refere ao Bairro do Piquete, para indicar caminhos da serra e controle de passagem, ou seja, da instalação oficial do Registro exigido pela administração da Corte.

Admitimos, portanto, que o desconhecimento de comprovantes documentais tivessem validado o repetido pelas oralidades do imaginário corrente. Não faltavam repetidores da história oral que circulava entre os “portadores do conhecimento histórico”. Sem provas documentais.

Ora, desde que esse conhecimento foi possível por intermédio de pesquisadores,

a questão veio à luz, e alguns pronun- ciamentos orais e escritos demonstraram, pelos testemunhos das contagens de população, como se organizava a Vila de Lorena (Hepacaré, ou da Piedade) e seus bairros administrados pelas Companhias de Ordenanças ou de Guardas. A administração monárquica controlava essas ações e fazia registrar todos os movimentos produções, caminhos e funcionalidades. Daí a impor- tância do Registro no Bairro do Piquete.



A pedra do marco, dado como símbolo do evento, é um imenso bloco de gnaiss, de disposição laminar distribuída por camadas de espessuras variadas e inclinação monoclin. Como as rochas denominadas gnaisses, em geral são sujeitas à degradação e às transformações (metamorfoses). Portanto, temos à nossa vista exposta uma estrutura rochosa metamórfica e em processo de degradação. Em sua composição, é possível notar-se os minerais básicos dos gnaisses: quartzo, feldspato e mica.

As rochas cristalinas magmáticas, como os gnaisses e granitos, são compostas principalmente pelos minerais citados e outros em diferentes proporções. Por sua vez, os minerais, como os referidos, aparecem de várias maneiras, densidades, tonalidades e especificidades físico-químicas. Não incluem elementos orgânicos em sua composição, e, por isso, não constituem fósseis. Esta particularidade é reservada para as rochas sedimentares. Ambos os tipos dessas rochas compõem a

litosfera ou crosta terrestre que recobre o nosso planeta. Formam, por sua distribuição, terras emersas, ou continentais, e os fundos oceânicos, isto é, as submersas. No caso das rochas cristalinas, temos a formação dos chamados escudos, por sua sólida estruturação. E no das rochas sedimentares, mais plásticas, as bacias.

Piquete, com a serra da Mantiqueira, comporta-se em áreas de escudo cristalino – daí a incidência dos granitos e gnaisses, principalmente no caso de nossa “pedra histórica”, por abrigar “a memória refletida na placa”. Por tratar-se de um gnaiss metamorfozido, admite-se seja um possível micaxisto. Este, segundo Antônio Teixeira Guerra, no **Dicionário Geológico – Geomórfico**, é uma rocha de origem metamórfica, constituída essencialmente de micas, quartzo e alguns feldspatos, além de vários minerais secundários. Segundo esta fonte, o micaxisto, como toda rocha metamórfica, aparece na natureza em disposição de camadas de espessuras varia- das e laminadas. Costuma dar, por efeito da degradação, origem à formação de argilas.

Assim, nossa pedra é um belo testemunho da estrutura de nossos terrenos, que, exposta, denuncia a possibilidade de ser encontrada em praticamente toda a composição dos morros, escarpas de serras. E nestas, as diferentes altitudes sobrelevadas em picos, nos quais a geomorfologia representa, nos seus modelos, as ações das águas correntes, dos cursos dos rios e das cachoeiras e enxurradas. A dinâmica contínua nos permite avaliar em tempo muito prolongado o que a ação humana pôde apressar de maneira negativa, não preservando encostas e produzindo plantios ameaçadores do equilíbrio.

Dóli de Castro Ferreira

Na foto que ilustra o texto, Luiz Arantes Júnior, “seu Zizinho”, que descerrou a placa citada no texto, em 15 de junho de 1958.

A Fundação Christiano Rosa saúda a comunidade católica piquetense na data de seu padroeiro, São Miguel Arcanjo.

São Miguel

Chico Máximo

Havia o São Miguel grande e o São Miguel pequeno.

O grande ficava o ano todo trancafiado no quarto dos santos, em meio a andores, estandartes, alfaia e caixas de flores, de onde saía apenas para a procissão de 29 de setembro. Dava gosto admirá-lo. Solene, percorria as ruas da cidadezinha nos ombros dos soldados do Contingente da Fábrica Presidente Vargas, impe-cáveis nas fardas e nas atitudes.

São Benedito à testa do cortejo, para não chover. Anjinhos e mais anjinhos – afinal era festa de anjo – humildes, asas de filó, túnicas de lamê. Devotos descalços: cumprimento de promessas. Dobrados da banda: alegres, marciais. Tapetes de folhas verdes. Linho e renda nas janelas.

E o Arcanjo seguia como um príncipe guerreiro, combativo e defensor, o sol morrente, para abençoar o povo. Se ele travara uma luta no céu contra Lúcifer, que livrasse a cidade dos espíritos malignos e das explosões na Fábrica, pediam suplicantes os olhares dos piquetenses.

O São Miguel pequeno, ou São Miguelzinho, ficava no altar-mor, sua morada permanente, num nicho acima do sacrário. Parecia um menino. De madeira, estilo barroco, as vestes coloridas, leve como uma palha, na mão direita a balança da Justiça para pesar as boas e as más obras dos cristãos. Quase desaparecia no meio das flores.

Diziam que viera de Portugal, esculpido por mãos sensíveis. Sua história perde-se

no tempo. Com a reforma da velha matriz, ele desapareceu. Não se sabe onde e com quem está. Alguns, em tom de brincadeira, diziam: – Bateu asas e voou.

Havia um terceiro São Miguel. Pintado em tela, no forro da nave. Esvoaçante, imperioso, o semblante viril, os gestos



decididos. “Quis ut Deus?” Os demônios cor de fuligem subjugados por sua espada, precipitados no fogo do inferno. Polarizava os olhares das crianças, num misto de respeito, curiosidade e medo.

No dia 29 de setembro, a igreja amanhecia alegre, enfeitada com flores de papel crepom e festões de cedrinho que a deixavam perfumada. Minha mãe, festeira, década de quarenta, as flores confeccionadas na zona rural, pelas irmãs Maria e Ana Rodrigues de Souza, moças solteiras e prendadas. Lá no silêncio do Itabaquara, dos seus dedos brotaram milhares de pétalas cor-de-rosa. E as pessoas comentavam, com

emoção: – A igreja parece um jardim, parece um doce!

Dinheiro para a festa conseguido com muito esforço. Uma folha de papel almaço e lá ia o casal de festeiros a bater de porta em porta. Recusa de alguns: ar sisudo, palavras descortesias. Mas como era tudo para a glória de Deus e do Arcanjo padroeiro, valia o sacrifício.

O dia começava festivo. Alvorada às cinco horas da manhã, os músicos num caminhão. Depois as missas, o leilão de garrotes e a quermessinha na Praça João Pessoa, atual Leonor Guimarães. A música do coreto. Arcos de bambu. Barraquinhas cobertas de sapé. Bandeirinhas coloridas.

Muita gente da roça: vestidinhos de chita, ternos de brim, botinas reluzentes. Vinham a pé, a cavalo, de charrete, acolhida em casa de parentes e amigos. E nunca chegavam de mãos vazias: um franguinho para o almoço,

um queijinho para o café da tarde.

Um alvoroço de sinos e foguetes de vara: em revoada as andorinhas do campanário.

Solene a missa das dez horas: a brancura perfumada do incenso, as sonoridades do Latim. Ao Evangelho, reflexões teológicas sobre os anjos. Se aquela gente roceira nada entendia, valia a simplicidade da fé, a crença no mistério, os olhos cravados como setas na pequena imagem do altar e a prece até hoje cantada por todos:

*São Miguel Arcanjo, do céu sois farol,
Espada de fogo, de um raio de sol!*

*Padroeiro glorioso de nossa cidade,
Fazei-a repleta de paz e bondade!*

A devoção a São Miguel Arcanjo

Vem de longe a devoção a São Miguel e Almas. Atravessou o Atlântico com os colonizadores e chegou à região das minas gerais, de onde se irradiou.

Piquete, cuja origem se relaciona com o Caminho de Minas, teve a devoção a São Miguel trazida pelos primeiros povoadores. Documentos antigos nos dão conta de que em Lorena, ainda no século 18, havia uma Irmandade de São Miguel. O Almanaque da Província de São Paulo para o ano de 1873 registra Joaquim Vieira Teixeira Pinto como um dos responsáveis por esta Irmandade. Presidente da Câmara de Lorena, esse hábil político era proprietário de uma grande fazenda de café no Itabaquara. Foi ele, juntamente com José Mariano Ribeiro da Silva, o responsável pela construção da Capela de São Miguel no Bairro do Piquete.

Se, no século 18, a devoção a São Miguel era grande, no século 20 arrefeceu. A introdução de novas devoções levou, em algumas localidades, à mudança do Arcanjo, que passou a dividir os altares com outros santos, e, por muitas vezes, tornou-se inquilino na sua própria igreja ou foi expulso da mesma. Em face desse processo, o

Arcanjo foi, dia-a-dia, perdendo devotos. Suas imagens – das requintadas às populares – foram propositalmente deslocadas para museus e coleções particulares. A antiga devoção suscitou enorme interesse cultural, passando a atrair a atenção de comerciantes do setor,



vigilantes ao lento arrefecimento do culto. Com isso, teve-se a dispersão gradativa dos bens culturais alusivos ao culto a São Miguel e Almas. No caso de Piquete, constatamos que a imagem original do padroeiro, esculpida em madeira, com uma balancinha, desapareceu e ficou por isso mesmo: ninguém sabe, ninguém viu...

Mais recentemente, a falta de cultura e a ignorância levaram à tentativa da mudança do nome primicial da igreja, marco arquitetônico da fundação da Freguesia de São Miguel do Piquete, em 1875, e referência identitária dos moradores. Ao contrário de outras localidades, Piquete, apesar dos percalços, mantém a devoção a seu Padroeiro: a Confraria de São Miguel, há poucos anos constituída, é responsável pela sua manutenção.

Desde os primórdios de nosso povoamento, São Miguel é o protetor e padroeiro de Piquete. A ele devemos pedir que nos assista nos combates do bem contra o mal e que estenda suas asas sobre nós, e que Piquete, sob sua proteção, caminhe nas sendas do progresso, da justiça e da paz. **AC**

Crônicas Pitorescas

Vassourando...

Palmyro Masiero

O papel imaculado na máquina aguardava por dedadas nas teclas para se tornar inútil: uma crônica nossa. Diabo é que eu, querendo estragar papel, e não pintava nada. Assunto, ó, tá assim... Mas lá sou besta de falar sério? Comigo, agora, é só açúcar no jiló!

Bem à minha frente, encostada no batente da porta, imaginem, uma desempregada. Não, não pensem tratar-se de uma mulher sem emprego; apenas uma vassoura de piaçaba, sem estar sendo empregada. Comecei a observá-la mais profundamente.

Sua utilidade é varrer. Quanto mais olhava, mais envolvia-me um sentimento de admiração por ela.

Lembrei-me da vassoura de pêlo, talvez sua prima rica, mas considerei-a muito pespontada, esnobe, fresca mesmo... O rodo deve pertencer à família dos limpadores, mas é muito seco. Minha simpatia pendeu mesmo na de piaçaba.

Olhem só a categoria dela:

Suas fibras vêm da “Attalea funífera”. Lindo, não? E olhem que fazem a limpeza em quase todos os lares brasileiros! Uma vassoura de piaçaba. Um sarrafo torneadinho, calculo de metro e vinte de altura, tendo na ponta um rebaixamento formando uma espécie de cabeça, encaixada numa madeira de uns três centímetros de espessura por uns vinte e poucos de largura na base, de forma triangular, mas seccionada logo uns cinco centímetros acima, arredondada nos lados e guarnecida por uma lata que a envolve. Finalmente as fibras de piaçaba fixadas no pé.

Descrição porreta, hem?

Após essa acurada análise, perguntei-me: “O que realmente faz a limpeza”? Prontamente respondi: “As fibras da piaçaba”. Pronto! Já me encuquei!

Tudo na vassoura é trabalhado, mas a piaçaba é natural, apenasmente cortada, aparada e fixada na madeira. Em suma, a artista principal do espetáculo surge sem qualquer maquilagem humana. Todo o resto mecanicamente laboriado é só para fazê-la

trabalhar para nós. Isso me faz lembrar órgãos “aparatadosos” por aí, com figurões de todos os lados que, se não são burilados, pelo menos são bem colocados, mas, na hora de fazer cobra tocar violão, quem coloca tudo pra funcionar não aparece, não tem o menor brilho. Justamente os piaçabas da vida. E vá discutir...

Vejamos outro aspecto. A vassoura tem os cabelos no pé. Gozado, não? A partezinha arredondada da ponta do cabo, minúscula, é que é a cabeça.

Convenhamos: parece-se com muita gente que está por cima. Cabecinha à toa para tanta pose. Enfim... Por mim, a cabeça devia ser a parte que varre. Isso, entretanto, equivaleria dizer que ela trabalharia de cabeça para baixo.

E daí? Não tá assim de nego enfiando a cabeça pelos pés?

Olhando esse utensílio doméstico recordei-me de um político que, muitos anos atrás, usou a vassoura como símbolo de sua campanha: varrer a corrupção do país. Saiu vitorioso. Sete meses depois de empossado, montou na sua e deu no ar, deixando-nos uma sujidade que engrossou cada vez mais. E como!

Saudade sinto das vassouras das bruxas. Ah! Minha infância... quando falei todo nome cabalístico que conhecia e que inventava pra ver se a desgraçada da vassoura que montava vojava comigo... Mas qual... Hoje, está demodê bruxa de vassoura. A bruxaiada está é só de jato pra lá e pra cá...

Vassoura, sabemos, é aquele cara que aproveita tudo que pinta, o que está grassando com o desemprego. Também é ladrão pé-de-chinelo, talvez pela mesma causa. Mas homem ou mulher que topa qualquer parada, com o que cair na rede, não deixa de ser vassoura. E isso, meu filho, está um despendongo! Tá todo mundo querendo apagar incêndio com gasolina.

Já estraguei papel demais. A crônica vai aí pra quem quiser ler. Minha sugestão é dar uma vassourada nela e, pombas, deixem que o dólar caia, pô!

Rio morto

Edival da Silva Castro

Quando meus pais iam a Lorena, me levavam. A condução preferida era o trem. De calça-curta, camisa social, suspensório e sapatos Clark, viajava parecendo turista. Meu lugar favorito era à janela, de onde curtia o brilho da manhã, tomava a brisa que me desalinha os cabelos, bulia com as pessoas, apreciava os quintais arborizados, ria dos animais correndo assustados pelos pastos. Das diversas paradas que o trem fazia, eu esperava ansioso a da Ponte Nova, sobre o Rio Paraíba do Sul. Rio volumoso, o murmúrio doce das suas águas alegrava meu coração. As margens eram apinhadas de pescadores: às vezes, avistavam-se alguns conhecidos, quando então completava a satisfação.

Paraíba! As garças e os paturis que embelezavam suas várzeas emigraram. O salto acrobático dos dourados no meio do rio não mais existe. O que restou foram os aguapés que, aos poucos, o estão afogando.

No tempo em que nadar em rio era aconchegante, o fazíamos no Rio Benfica: o poço conhecido por “Amerquinho” era amplo e fundo, a limpidez da água envolvia-nos em tardes deliciosas. O rio era buliçoso, havia vida. Trazia distração aos transeuntes curiosos. Após as chuvas rápidas de verão, suas águas avermelhavam-se... Aí, então, a pesca tinha vez.

Outro dia, passando pela Rua do Piquete, precisamente sobre a ponte ao lado da Câmara Municipal, avistei no meio do rio um “sofazão” pra três lugares. Parei, admirei, indignei-me. Será que o badulaque foi jogado ali pra servir de poleiro de urubus?

O Rio Sertão, mais conhecido por Rio do Ácido, coitado... Esse nunca criou nada, nem um único girinozinho.

O Rio do Piquete é formado pela confluência dos rios Benfica e Sertão, destino infeliz, cruel e choroso.

Os rios poluídos deveriam ganhar uma laje tumular entalhada com a frase:

“Sou um rio morto – o homem atirou em mim tudo o que pôde”.

São Miguel em Setembro



Os ipês de amarelo floridos contrastam com o azul do céu. De forte colorido, tingidos de luz solar, exauridos, duram pouco, para dourar o solo e fazer anunciar a chegada de Miguel, o Arcanjo, o que traz das hostes celestes a mensagem da crença: Quem como Deus?

Dóli de Castro Ferreira



Acesse, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Dia da Árvore

Setembro é o mês do verde, e no dia 21 o Brasil comemora o Dia da Árvore. Os Estados Unidos adotaram o 22 de abril como o Dia da Árvore. A data coincide com o aniversário de J. Morton, morador de Nebraska, que incentivou a plantação de árvores naquele Estado. O Brasil foi um dos poucos países que não seguiu o exemplo dos EUA e escolheu o dia 21 de setembro para celebrar a árvore. Existe uma explicação lógica para a decisão, tomada há 30 anos: os povos indígenas brasileiros sempre cultuaram as árvores à época das chuvas ou quando se preparava a terra para semear. Adotou-se, então, a data que marca a entrada da primavera. Um fato curioso é que, por razões climáticas, o Norte e Nordeste do Brasil cultuam a árvore na última semana de março, no período referente ao início das chuvas naquela região.

Além de embelezar praças, avenidas e ruas, as árvores refrescam o ambiente. Isto acontece porque dão sombra e mantêm a umidade do ar. Além disso, as plantas ajudam a diminuir a poluição porque absorvem gás carbônico proveniente da queima de combustíveis fósseis. Isso significa mais oxigênio. Também atuam como barreiras, que mudam a direção dos ventos e filtram poeira e fuligem. Mantêm firme o solo, sendo indispensáveis nas encostas, às margens de rios e à manutenção de mananciais. Isso sem contar com os frutos que nos servem.

Outro fato importante é que muitos remédios são feitos a partir das árvores. Para se ter uma idéia, um em cada quatro medicamentos empregados pela indústria farmacêutica tem origem vegetal. Cerca de 70% das plantas classificadas pelo Instituto do Câncer dos Estados Unidos como indicadas para o tratamento do câncer são encontradas exclusivamente nas florestas tropicais, uma das riquezas do Brasil.

Piquete é uma cidade privilegiada: graças à FPV conta com significativo fragmento de Mata Atlântica, da qual restam aproximadamente 7% da cobertura original. No entanto, suas encostas estão descobertas de vegetação e seus rios sem matas ciliares devido ao contínuo processo de degradação ambiental levado a cabo pelos diferentes ciclos econômicos da região.

Portanto, não fiquemos restritos ao dia da árvore para valorizá-la. Plantemos novas mudas sempre. Cuidemos das que estão espalhadas em nossas ruas e bairros. Colaboremos com projetos de recuperação de matas ciliares. Assim estaremos embelezando nossa cidade, preservando nossos recursos hídricos e garantindo qualidade de vida às futuras gerações.

fonte: www.cnpm.embrapa.br
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Sabiá, ave nacional do Brasil

*“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá”*
(Antônio Gonçalves Dias)

Em 1965, o governador de São Paulo, Laudo Natel, decretou a data de 5 de outubro como o Dia da Ave e o sabiá-laranjeira, a ave símbolo do estado de São Paulo. Três anos mais tarde, a Associação de Preservação da Vida Selvagem solicitou ao então Presidente da República, Gen.

Costa e Silva, que o sabiá-laranjeira se tornasse ave símbolo do Brasil, o que foi atendido por meio do Decreto nº 63.234. O fato foi amplamente noticiado pela imprensa. Observou-se, porém, que o decreto de Costa e Silva, publicado no Diário Oficial da União, criava para todo o território brasileiro o Dia da Ave, mas não especificava os nomes popular e científico da ave-símbolo da nação brasileira – sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*).

Tendo à frente o ornitólogo Dalgas Friesch, foram feitas algumas tentativas para corrigir esse esquecimento. Em agosto de 2002, o tema da ave-símbolo voltou à discussão. A Folha de São Paulo trouxe uma reportagem do jornalista Silvestre Gorgulho sobre as aves-símbolo de diversos países. Numa entrevista com Dalgas Friesch, o jornal explicou o que era ave-símbolo, que significado cultural ela tinha para cada país e por que o Brasil ainda, na verdade, não tinha a sua. A reportagem teve grande repercussão, visto que uma corrente

defendia o sabiá-laranjeira como a ave-símbolo do Brasil, e outra, a ararajuba (*Aratinga guarouba*), que tem as cores verde e amarela da bandeira do Brasil. Dalgas, porém, justificou sua escolha: “A ararajuba é realmente bela, mas é uma ave em extinção, de alto valor econômico e sem valor significativo na literatura e no cancionário popular brasileiro. O sabiá, ao contrário, não tem valor econômico, está presente nos quintais, nas cidades e nas fazendas, por esse Brasil a fora. Está

presente nas mais belas poesias e páginas literárias de muitos autores e compositores brasileiros. Está na alma de cada brasileiro.” Foi então promovida pela Internet uma enquete para a escolha da ave-símbolo do Brasil: a

ararajuba ou o sabiá? A votação do sabiá-laranjeira foi 91,7%. Diante dessa inequívoca preferência nacional, Dalgas Friesch, Silvestre Gorgulho e o jornalista Ciro Porto, vice-presidente da Associação para Preservação da Vida Selvagem, foram buscar apoio no governo federal para corrigir erros do passado e fazer do sabiá-laranjeira a Ave Nacional. O assunto foi levado até o presidente Fernando Henrique Cardoso, que aprovou a idéia, e no dia 3 de outubro de 2002, ante-véspera do Dia da Ave, o Diário Oficial trazia o Decreto do Presidente da República, FHC, estabelecendo “o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*) como símbolo representativo da fauna ornitológica brasileira e considerada popularmente Ave Nacional do Brasil”.



*“Vou voltar,
sei que ainda vou voltar
para o meu lugar.
Foi lá e ainda lá
que eu hei de ouvir
cantar uma Sabiá...
Vou voltar,
Sei que ainda vou voltar
e é pra ficar.
Sei que o amor existe
e eu não sou mais triste
que a nova vida já vai chegar
e que a solidão vai se acabar
Hei de ouvir cantar uma Sabiá...”*

Chico Buarque e Tom Jobim

*“Sabiá lá na gaiola
fez um buraquinho
Voou... Voou... Voou...
E a menina que gostava
tanto do bichinho
chorou, chorou, chorou...
Sabiá fugiu pro terreiro.
Foi cantar lá no abacateiro.
E a menina diz,
soluçando,
Vem cá, Sabiá,
vem cá...”*

Herve Cordovil /
Mário Vieira



Alfabetização: passado e presente

Laura Chaves

Celebrou-se a 08 de setembro o Dia Internacional da Alfabetização. Isso nos motivou a refletir com vocês, leitores, sobre um pouco da história da alfabetização no Brasil.

A história formal da alfabetização no Brasil começou com a instalação da República. Consolidou-se, nesse período, a escola; então o saber ler e escrever tornou-se um instrumento privilegiado e até imperativo para a modernização e desenvolvimento do país.

Entretanto, o que mais nos chama atenção é que, passados mais de 100 anos da implantação da República e também do modelo republicano de escola, o que hoje denominamos de **fracasso escolar na alfabetização** já se apresentava desde aquele período. Se por um lado isso até nos consola, por outro deixa-nos perplexos diante da nossa impotência de resolver uma questão tão fundamental para a qualidade da educação básica.

Mas, saibam todos, não faltaram, ao longo dessa trajetória de fracasso, iniciativas e tentativas de mudanças. A história revela-nos que sempre se buscou a superação do que se considerava “tradicional” e, por consequência, responsável pelo fracasso. Instalou-se, desde aquela época, a guerra dos métodos de alfabetização. Sim. A guerra dos métodos não é algo novo e nem se constitui em

capricho da atualidade. Assim, a baixa qualidade da alfabetização de nossas crianças é problema que se tenta enfrentar desde a República. E, em cada novo momento, não faltaram defensores e portadores de um novo e revolucionário método de alfabetização. Não faltaram, também, opositores.



Jardim da Infância, em Piquete, na década de 60

Pois bem, a busca pela hegemonia ou negação de um método já fez sua história e não correspondeu à expectativa de superação do fracasso em alfabetização. Faz-se necessário um novo olhar à alfabetização. Para tanto, alguns aspectos devem ser levados em consideração.

- A linguagem é um sistema simbólico criado pelo homem e usado tão somente por eles.
- A língua escrita é algo que precisa ser ensinado: não aprendemos naturalmente.

Não se trata de um dom. Não há carga genética que nos possibilite ler e escrever. Diferente, por exemplo, do que acontece com a fala.

- A escrita tem duas propriedades distintas: ler e escrever.
- A escrita não é produto escolar. É um objeto cultural resultante do esforço coletivo da humanidade.
- Ler não é o inverso de escrever. Quando uma criança aprende a ler, põe em jogo conhecimentos e recursos cognitivos distintos daqueles que utiliza para aprender a escrever.
- A apropriação da língua escrita corresponde a um processo conceitual e a uma construção de significados; por isso, ler e escrever são algo complexo.

Todo professor que tiver esses aspectos como ponto de partida, saberá, de antemão, que o enfrentamento do fracasso da alfabetização envolve questões muito maiores que a discussão pura e simples do método. Envolve, acima de tudo, a rigorosa sistematização de todo o processo ensino-aprendizagem da leitura e escrita, desde o seu planejamento até a avaliação. Isso, sem deixar de levar em conta a compreensão sobre os efeitos positivos da apropriação da escrita para a realização pessoal de cada pessoa, para sua inserção na sociedade contemporânea, para sua dignidade e felicidade.

São Miguel de Piquete

Abigayl Lea da Silva

O São Miguel que veio conosco desde a infância é o arcanjo da simplicidade, da sobriedade.

Aprendemos com o Apóstolo dos Gentios que o amor não convive com a soberba.

Surpreendentemente Lúcifer é um serafim, o que tem como atributo o amor. Se fosse um querubim, o que conhece, o que sabe, talvez entendêssemos com mais facilidade a sua revolta, já que convivemos com alguns sábios prepotentes.

Quando o franciscano Scott (Scotus, em latim; Scotto, em italiano) nos revela o motivo da dissensão – a recusa em servir a um homem, ainda que o Verbo de Deus, causa-nos surpresa a precariedade do amor de Lúcifer. O “non serviam” – não servirei – mostra a incoerência de um amor que não ama.

O nosso São Miguel tenta dissuadir os amotinados dos vários coros, comandados por Lúcifer, argumentando com a propriedade dos desígnios do Altíssimo.

É aí que surge a frase que está gravada no nosso cérebro e no nosso coração: Amigos, quem como Deus?

Frustrada a tentativa de reconsideração, o arcanjo os afasta da



comunidade celestial.

O nosso padroeiro se encontra novamente com o serafim-que-não-ama no monte Nebo, Jud:1,9, tentando apoderar-se do corpo de Moisés, julgando, talvez, que o grande líder se tivesse revoltado contra

Deus por não tê-lo deixado entrar em Canaã. Miguel tira qualquer dúvida arrebatando o corpo. Mas não lhe dirige palavras duras. Apenas diz: “Que o próprio Senhor se encarregue de ti”.

No cerco de Jericó, Miguel apresentou-se a Josué como um homem com espada desembainhada. Josué pergunta: “És um dos nossos ou dos nossos inimigos?” (Jos. 5,13)

Josué e Caleb foram os únicos que tinham assistido a todos os prodígios da grande jornada. Josué poderia entender uma intervenção miraculosa de Miguel. Mesmo assim o nosso padroeiro se apresentou com sobriedade e simplicidade, pedindo a Josué que tomasse a atitude conveniente para receber as ordens do Senhor.

Miguel disse a Josué: “Venho como chefe do exército do Senhor.”

Presença benfazeja em nossas vidas desde o batismo, que o São Miguel de Piquete nos ajude a combater todos os nossos defeitos, principalmente a falta de amor.

Que vele sobre a nossa cidade, criando um ambiente de harmonia e trabalho diuturno para o bem-comum.